

Por uma virada de olho

ANA TEIXEIRA¹

Estava matutando em como começar este relato e uma voz soprou lã da minha memória: “O segredo é virar o olho”. Isso escutei de Regina Machado, escritora e contadora de histórias, nos idos de 1998. Quando ouvi essa frase pela primeira vez, eu me perguntei o que seria “virar o olho”, mas não demorei muito a entender, afinal sempre fui uma viradora de olhos, desde criança até hoje. Virar o olho foi o jeito que eu sempre achei da vida fazer sentido. Mas o que é que “virar o olho” tem a ver com esse relato que, afinal de contas, é apenas um relato de minha visita ao Museu da História dos Judeus Poloneses, em Varsóvia (<http://www.polin.pl/en>), em maio deste ano?

Bom, apenas uma parte da visita nos interessa, apesar de toda ela ser uma experiência visceral e inesquecível. Mergulhada em mais de mil anos de história dos judeus poloneses e sentindo o peso dessa história a cada passo que dava e a cada imagem que via, entrei em uma sala que chamou minha atenção por projetar em suas paredes fotos de crianças brincando. As fotos, em preto e branco ou em sêpia e em grande formato, são projetadas sobre outras imagens que revestem as paredes do ambiente. Camadas de significados se intercambiam e nossos olhos se detêm ora sobre uma, ora sobre outra dessas camadas. Um grupo de meninos carrega armas



feitas de pedaços de madeira fazendo pose de soldados; um garoto de bonê dobra um papel, provavelmente fazendo um barquinho; um menino é a cabra-cega, outro brinca com um corripio de botão. O único brinquedo “de verdade” (manufaturado) que aparece nas fotos é um cavaliinho-gangorra de madeira onde está sentada uma menina.

No meio da sala, vitrines mostravam brinquedos feitos a partir de quase nada: um barbante

¹Artista e fundadora de um instituto de pesquisas e de um de investigação, ambos fictícios. Costuma distribuir identidades, trocar sonhos e escutar histórias de pessoas nas ruas.



FOTOS:



– o rei e seu fiel escudeiro – na mesa de jantar? Ou levar a garotada a um passeio na floresta ali da esquina, aquela mesma que só tem prédios e postes para quem ainda não sabe virar o olho?

Ao visitar aquela sala do Museu Judaico, eu soube que queria fazer esse relato, que queria falar de algo tão simples como um barco de papel, que queria resgatar a vontade de brincar com quase nada, mesmo vivendo num tempo em que temos quase tudo. Virar o olho é estar inteiro no que se faz e por isso mesmo acreditar no que se está fazendo, como fazem as crianças quase sempre. Criar, elaborar e conceber brinquedos enquanto bombas explodem ao seu lado e o estômago reclama comida não é pra qualquer um, exige coragem e um enorme desejo de fazer algo com aquilo que a vida nos traz. Acreditar que um poste é uma árvore ou que um saleiro é o rei não é pra qualquer um, mas é mais fácil do que você imagina. ●

e um botão usados, jornais ou revistas velhos, um lenço. Com muito pouco eram fabricados objetos para distrair as crianças que, nos guetos onde os judeus foram obrigados a viver durante a Segunda Guerra, não tinham brinquedo algum. E foi gente que virava o olho que transformou papel em avião, catavento, chapéu e até acordeão. Foram pais, mães, avós, tias e tios metamorfoseando lenços de pano em ratinhos e barbantes em “cama de gato”, construindo barquinhos que enfrentavam correntezas e corrupios que divertiam as crianças com seu zunido. Afinal, é preciso muito pouco para entreter uma criança, não é mesmo?

Você já experimentou, por exemplo, promover um diálogo entre um saleiro e um pimenteiro

